



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

PROCESSO, FORMA E SIGNIFICADO UMA BREVE CONSIDERAÇÃO

Publicado no site em 10/11/2009

Roberto Lobato Corrêa
Departamento de Geografia – UFRJ

O texto que se segue resulta de uma reflexão envolvendo construções teóricas distintas, derivadas de matrizes diferentes. De um lado considera-se as categorias que Milton Santos define como fundamentais para o método geográfico, estrutura, processo, função e forma, e, de outro, a categoria de significado, de grande importância para Ernst Cassirer e muitos geógrafos vinculados à geografia cultural pós-70.

A intenção, mais do que uma bem delineada tese, é mostrar que os significados constituem um complemento necessário à proposição de Milton Santos – que será discutida visando ampliar sistematicamente a sua complexidade e importância – enriquecendo-a.

A Proposição de Milton Santos: Um Breve Resgate

Em seu livro *Espaço e Método*, Santos (1985) propõe que estrutura, processo, função e forma, considerados dialeticamente, sejam as categorias de análise do espaço. Trata-se de proposição resultante de longa reflexão a respeito das categorias de análise para tornar inteligível a espacialidade humana como parte integrante das complexas e mutáveis relações entre existência e reprodução social. A espacialidade humana é concebida como reflexo, meio e condição social e não como epifenômeno. As idéias que Milton Santos nos apresenta não são novas. Sauer (1925), por exemplo, ao discutir a morfologia da paisagem o faz com base nas relações entre processo, função e forma. Mas Sauer estava precípuamente interessado no resultado daquelas relações e não nas relações em si, como era o caso de Milton Santos.

Milton Santos define brevemente as quatro categorias, considerando como estrutura a própria sociedade com suas características econômicas, sociais, políticas e culturais. Processo é considerado como o conjunto de mecanismos e ações a partir dos quais a estrutura se movimenta, alterando-se as suas características. Função, por sua vez, diz respeito às atividades da sociedade, redefinidas a cada momento, que permitem a existência e reprodução social. Forma, finalmente, é definida como as criações humanas, materiais ou não, por meio das quais as diversas atividades se realizam. Receptáculo ou recipiente, pode ser um prédio, uma rua, um bairro, uma cidade, uma área agrícola. A forma se manifesta em várias escalas, tendo uma localização e um dado arranjo espacial. Trata-se, sem dúvida, de forma espacial.

As quatro categorias, argumenta Milton Santos, são indissociáveis entre si, interpenetrando-se dialeticamente. Se considerarmos apenas cada uma isoladamente faremos uma análise incompleta, desprovida de sentido. Se considerarmos a estrutura e o processo faremos um estudo de história ou de história econômica, útil, no entanto, para os geógrafos, mas incapaz de abarcar a espacialidade humana. Se por outro lado considerarmos apenas a função e a forma faremos um estudo descritivo, classificatório, deixando de lado o tempo social: a sociedade e o seu movimento são excluídos. Ao se considerar apenas a estrutura e a forma eliminaremos as mediações e a possibilidade de entendimento da espacialidade humana. Ao considerarmos, por sua vez, as categorias processo e função, realizaremos um estudo de natureza econômica, útil mas no qual a espacialidade humana está de fora.

A conexão necessária para o geógrafo, insiste Milton Santos, é aquela envolvendo estrutura, processo, função e forma. A integralidade da conexão, contudo, pode ser mantida se considerarmos as categorias estrutura – processo e função – forma ou, de modo econômico, processo e forma. As relações entre processo e forma, no entanto, estão longe de serem simples, derivadas automaticamente. Milton Santos já apontou algumas das tensões nessas relações, algumas das quais serão aqui retomadas, enquanto outras serão apresentadas de modo a sugerir a complexidade dessas relações.

Ressalte-se que as categorias em tela estão presentes, de uma forma ou de outra, na obra de Milton Santos, tanto naquelas que antecedem a publicação de 1985, a exemplo de 'Por Uma Geografia Nova' (Santos, 1978), como nas posteriores, como é o caso de 'A Natureza Espaço' (Santos, 1996).

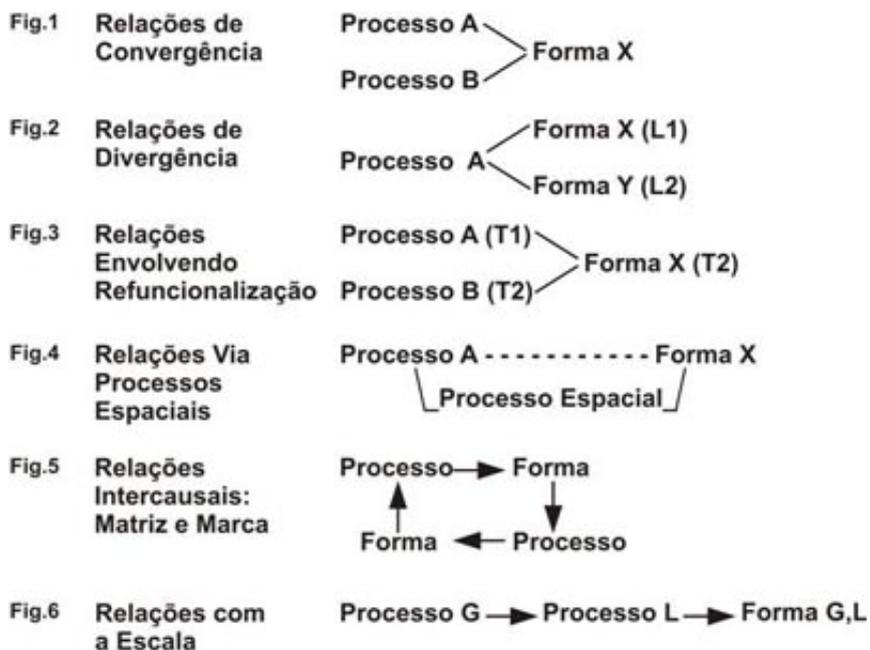
Algumas Relações entre Processo e Forma

Algumas relações entre processo e forma serão apresentadas e brevemente discutidas nestas notas. Elas não esgotam outras possibilidades, assim como não são necessariamente excludentes entre si. Mais importante, as relações aqui consideradas revelam caminhos diferentes na organização e reorganização do espaço, nos quais há uma dialética em ação. O que se segue enriquece as possibilidades de leituras distintas a respeito das relações entre processo e forma no que diz respeito ao espaço, ampliando os meios de que o geógrafo pode dispor para analisar a espacialidade humana.

a) Relações envolvendo convergência ou divergência

Convergência e divergência constituem trajetórias que conduzem a resultados distintos. A convergência origina-se de situações distintas porém gera resultados semelhantes. A divergência, por outro lado, origina-se de uma mesma situação, culminando, no entanto, com resultados distintos. Estas duas trajetórias são muito importantes, presentes em inúmeros lugares, podendo manifestar-se diacronicamente, uma sucedendo a outra, como Bessa (2007) evidenciou em seu estudo sobre Uberaba e Uberlândia. A temática da convergência-divergência é, em realidade, um tema para investigação em geografia.

RELAÇÕES ENTRE PROCESSO E FORMA



Org. CORRÊA, R. L. (2009)

As figuras 1 e 2 descrevem sucintamente e respectivamente a convergência e a divergência no que diz respeito às relações entre processo e forma. Na figura 1 os processos A e B, distintos

entre si, convergem gerando uma única forma X. Neste caso a mesma forma condensa processos distintos, dada a importância da função que viabiliza. Assim, uma usina de beneficiamento do leite pode ser o resultado de ações engendradas por uma cooperativa de produtores de leite ou por uma grande empresa de produtos lácteos. A função e a forma são as mesmas, mas derivam de agentes sociais distintos com interesses e práticas diferenciadas. Há, no exemplo acima, similitudes aparentes nos processos mas as diferenças, por outro lado, são significativas e relevantes.

Na figura 2 o processo A gerou duas formas (e suas funções) distintas, X e Y, em dois lugares diferentes, L1 e L2. Esta diferenciação resulta, em grande parte, das características locais, que apresentam heranças, elites e outras condições para criar ou atrair determinadas atividades derivadas do processo geral em curso. As distintas formas criadas acentuam a diferenciação espacial. O processo de industrialização, por exemplo, gera em determinado local, por meio de capitais externos uma grande siderurgia e em outro a implantação da atividade de extração de minério de ferro. Em outro mais o mesmo processo gera pequenas e médias indústrias mecânicas, criadas com capitais locais. Divisão territorial do trabalho e complementaridade funcional resultam, assim de relações de divergência entre processo e forma.

As formas resultantes podem ser muito distintas entre si tanto na aparência como nas funções. 'Company towns' modernas e antigos centros funcionalmente reconvertidos, áreas pastoris transformadas em áreas de soja ou áreas de pequena produção em extensos canais, são exemplos do impacto diferenciado do mesmo processo geral de industrialização.

b) Relações envolvendo refuncionalização

Convergência e divergência podem gerar formas refuncionalizadas. A figura 3 descreve esta relação. O processo A, ocorrido no passado, no tempo T1, gerou, naquele momento, a forma X. Esta forma permanece mais tarde, no tempo T2, sob ação do processo B, mas agora com nova função, condizente com o processo B em curso. Está, assim, refuncionalizada. A permanência de formas antigas refuncionalizadas se faz presente em toda parte, na cidade e no campo, em países antigos e novos.

A permanência dessas formas deriva, de um lado, do valor funcional que detêm e, de outro, do valor simbólico a elas atribuído. Substituí-las pode não ser vantajoso economicamente ou criar protestos a favor de formas consideradas como patrimônios. A permanência de formas antigas refuncionalizadas contrapõe-se à obsolescência programada, constituindo-se em oposição à destruição criadora. Isto é particularmente relevante quando se considera a organização espacial, que apresenta formas datadas de momentos distintos, originando uma paisagem poligenética, com formas criadas em diferentes momentos mas funcionalmente ativas. Santos (1978) utiliza a metáfora da rugosidade, oriunda da geomorfologia, para se referir a essas formas refuncionalizadas.

Os exemplos de formas refuncionalizadas são inúmeros. Antigas fábricas, muitas delas dedicadas à produção de tecidos, foram transformadas em hipermercados, shopping centers, museus e mesmo ocupadas com habitações subnormais. Prisões e quartéis, cinemas, templos e estações ferroviárias, entre outros, foram, em muitos casos, refuncionalizados para um número crescente de novas e antigas atividades consideradas mais eficazes.

A refuncionalização das unidades residenciais da zona periférica do centro, no entanto, advém da desvalorização econômica e social da área. A refuncionalização é primordialmente de natureza social, implicando em substituição de uma população de alto status por uma de status social baixo e a deterioração dos prédios. A força de inércia leva à cristalização das formas deterioradas e ao baixo status social de seus habitantes. A política de revitalização é um esforço para romper com esta situação, enquanto a gentrificação introduz novos processos e novas formas.

c) Relações mediatizadas via processos espaciais

Entre processos sociais e formas espaciais há uma mediação via processos espaciais. Trata-se de um conjunto de ações engendrado pelos diversos agentes sociais, corporações multifuncionais e multilocalizadas, proprietários fundiários e promotores imobiliários, entre outros, que viabilizam que certas ações materializem-se em formas espaciais, conforme aponta Corrêa (1979). Trata-se de uma re-interpretação do conceito de processos ecológicos proposto por McKenzie (1926), no âmbito da Escola de Chicago. A figura 4 descreve a mediação em pauta. Consulte-se adicionalmente Corrêa (2007).

Os processos de aglomeração e dispersão espacial são os mais gerais, sendo exemplificados nos processos de aglomeração, centralização e segregação residencial, de um lado, e difusão, desconcentração e descentralização, de outro. A área central da cidade, a região industrial ou uma área social no espaço intra-urbano são exemplos de formas resultantes do processo de concentração. Os centros comerciais secundários, assim como os distritos industriais periféricos constituem exemplos do processo de dispersão. A bibliografia sobre estas temáticas é ampla: entre os estudos mais recentes veja-se Reis (2009) sobre o desdobramento do núcleo central de negócios de Vitória, ES.

A importância desta relação pode ser vista ao se considerar que ela se faz presente nas relações anteriormente apresentadas, envolvendo a convergência, a divergência e a refuncionalização.

d) Relações intercausais: marca-matriz

As relações de intercausalidade são concebidas com grande força no pensamento dialético, rompendo com a idéia de unidirecionalidade nas relações de causa e efeito. A intercausalidade é explicitada na geografia, entre outros, por Berque (1981) ao se referir à paisagem como sendo simultaneamente marca e matriz, isto é, reflexo e condição social. A figura 5 descreve esta relação considerando processo e forma: um dado processo gera uma dada forma e esta intervém gerando ou interferindo ativamente em novos processos. Ambos, processo e forma, contudo, não estão congelados em sua natureza, mas dotados de inovações resultantes tanto de suas características internas como de ações oriundas de fora. Acreditamos que essa relação de intercausalidade, no entanto, necessita de estudos empíricos e reflexões mais profundas, pois as relações em tela estão inseridas no movimento geral da sociedade e não podem ser vistas como geradoras de simples reprodução.

e) Relações com a escala

Os processos são postos em ação a partir de concepções e decisões que se verificam em múltiplas escalas. São derivados de diversas lógicas qualificadas escalarmente. Há processos globais associados às grandes corporações de atuação global e processos de âmbito nacional, regional e local, associadas a outros agentes sociais. Todos estão, de um modo ou de outro, conectados entre si. As formas resultantes desses processos, contudo, foram fixadas localmente, e é ao nível local que um dado processo tem a sua manifestação direta e mais imediata, pois é no local que parte importante da função é realizada, assim como é ali que os efeitos imediatos se manifestam. A figura 6 procura descrever essas complexas relações, que se manifestam no caráter simultaneamente global e local da forma espacial. Sobre escala consulte-se, entre outros, a coletânea organizada por Sheppard e McMaster (2004).

Corrêa (2001-2003) ao discutir as relações entre as escalas da rede urbana e a do espaço urbano sugere que processos gerados em uma escala afetam as formas na outra escala. Trata-se de relações entre escalas distintas. Uma decisão tomada em Londres ou São Paulo, por exemplo, engendra um processo econômico que transforma uma pequena cidade e sua área em torno, afetando a população e as atividades econômicas. Convergências, divergências, refuncionalizações e processos espaciais podem ser detectados nessa relação interescalar. Este último ponto nos chama a atenção para a unidade das diversas relações entre processo e forma, unidade complexa, multifacetada.

Significados: o Complemento

Estrutura, processo, função e forma, ou resumidamente processo e forma, são as categorias do método geográfico ou da análise do espaço (Santos, 1985). A partir da contribuição de Cassirer (1923), no entanto, para que o espaço, este reflexo meio e condição social, se torne plenamente inteligível, é necessário introduzir os significados construídos e reconstruídos a seu respeito pelos diversos grupos sociais. Os significados constituem o complemento às categorias acima apontadas, tornando-se uma tríade, processo, forma e significado. Neste sentido à morfologia da paisagem de Sauer (1925) adicionam-se os significados que a geografia cultural pós-70 trouxe à tona. Esta perspectiva aparece claramente explicitada no artigo de Goss (1993), ao analisar a forma, função e significados do shopping center.

Processos e formas estão impregnados de significados, podendo-se falar em formas simbólicas ou símbolos. O homem vive em uma floresta de símbolos por ele criada para dar sentido às

diversas esferas da vida (Salomon, 1955);por outro lado, "todo comportamento humano é comportamento simbólico, todo comportamento simbólico é comportamento humano" (White, 1949, pp. 335).

As formas simbólicas são representações, isto é, o resultado de uma conexão entre significados e linguagem (Hall, 1997). Os significados, contudo, são construídos e reconstruídos pelos diversos grupos sociais, e não interpretados direta e imediatamente. Caracterizam-se, segundo Hall (1997), pela polivocalidade, associando-se a uma perspectiva construtivista e não reflexiva, na qual a sua decodificação é direta e imediata ou uma perspectiva intencionalista, na qual é suficiente decodificar as intenções do autor da forma para torná-la inteligível. Ressalte-se que a polivocalidade constitui-se em antídoto às interpretações oficiais, vinculadas à retórica do poder, que quer nos impingir uma única interpretação para todas as esferas da vida, inclusive no que diz respeito às formas espaciais, aí estando incluídas as teorias a seu respeito. Consulte-se Duncan e Sharp (1993), entre outros, que discutem sobre representações em confronto.

As formas podem ser vistas em muitos casos, como formas simbólicas espaciais (Corrêa, 2005), mantendo com o espaço profundas relações de mão-dupla: são valorizadas pela sua localização, ao mesmo tempo que estas são por elas valorizadas.

Questiona-se sobre os diferentes significados da ação humana impressa espacialmente ou, em outros termos, sobre os diferentes significados atribuídos as formas e suas funções, resultantes de processos inscritos na sociedade. Significados são, em realidade, o complemento às categorias processo e forma.

Considerações Finais

O texto que se seguiu procurou mostrar que os significados constituem um complemento necessário à proposição de Milton Santos. Propõe que (estrutura), processo, (função), forma e significados sejam vistos como fundamentais para a análise geográfica. Trata-se, de certo modo, de um texto no qual há uma "mistura de gêneros" (Geertz, 2004) que rompe com a ortodoxia de uma única matriz, tentando mostrar como por meio de caminhos distintos é possível enriquecer a geografia.

Referências Bibliográficas

- BERQUE, A. – Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para a Geografia Cultural. In: Paisagem, Tempo e Cultura. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998 (1981).
- BESSA, K.C.O.F. – A Dinâmica da Rede Urbana no Triângulo Mineiro – Convergências e Divergências entre Uberaba e Uberlândia. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, junho de 2007.
- CASSIRER, E. – A Filosofia das Formas Simbólicas, vol. 1. A Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (1923).
- CORRÊA, R.L. – Processos Espaciais e a Cidade. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997 (1979).
- CORRÊA, R.L. – Uma Nota sobre a Escala e o Urbano. Território, 11-12-13, pp. 133-136, 2001-2003.
- CORRÊA, R.L. – Monumentos, Política e Espaço. In: Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço. Org. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.
- CORRÊA, R.L. – Diferenciação Sócio-Espacial, Escala e Práticas Espaciais. Cidades, __ (6), pp. 61-72, 2007.
- DUNCAN, N. e SHARP, J.P. – Confronting Representations. Environment Planning, D. Society and Space, 11, pp. 473-486, 1993.
- GEERTZ, C. – O Saber Local. Petrópolis, Vozes, 7ª edição, 2004.
- GOSS, J. – The "Magic of the Mall". Analysis of the Form, Function and Meaning of the Contemporary Retail Environment. Annals of the Association of American Geographers, 83(1), pp. 18-47, 1993.
- HALL, S. – Representations. Cultural Representations and Signifying Practices. Londres, Sage Publications, 1997.
- McKenzie, R. – O Âmbito da Ecologia Humana. Cidades, 2(4), pp. 341-353, 2005 (1926).
- REIS, L.C.T. – A Crise da Importância da Área Central e o Desdobramento do Núcleo Central de Negócios. In: Cidades Brasileiras, vol. 1. Org. J.A. Oliveira. Manaus, EDUA, 2009.

- SALOMON, A. – Symbols and Images in the Constitution of Society. In: Symbols and Society. Org. L. Bryson et al. New York, Harper and Brothers, 1955.
- SANTOS, M. – Por Uma Geografia Nova. São Paulo, Editora HUCITEC e Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- SANTOS, M. – Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: Espaço e Método. São Paulo, Nobel, 1985.
- SANTOS, M. – A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, Editora HUCITEC, 1996.
- SAUER, C.O. – A Morfologia da Paisagem. In: Espaço, Tempo e Cultura. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998 (1925).
- SHEPPARD, E. e MCMASTER, R.B. (org.) – Scale and Geographic Inquiry-Nature, Society and Methodology. Malden, Blackwell Publishers, 2004.
- WHITE, L. – Leslie White. In: High Points in Anthropology. Org. P. Bohannan e M. Glazer. New York, Alfred Knopf, 1973 (1949).